

## “Vivências prisionais”

Em Março de 1963 era aspirante oficial miliciano em Tancos e estava no curso de minas, explosivos e armadilhas. Nessa altura fui vítima duma "leva" de prisões efetuada pela PIDE que visava especialmente quem estivesse comprometido com a luta anti-colonialista. Como estava no exército levaram-me fardado para a Trafaria, onde estive algumas semanas.

Ao chegar estavam presos outros oficiais. "Os primeiros dez anos é que costumam" disse-me o Branquinho à laia dum humor negro e para quebrar com aquele ar pesaroso em que me encontrava.

Lá dentro dei-me conta de que havia anti-fascistas, o Lemos, o Branquinho e o Iria, mas também teria de lidar com um tenente, provável agente pideiro, que tinha violado uma rapariga e queria amenizar a sua pena com o colaboracionismo a prestar aos fascistas, denunciando-nos.

Interrogado por oficiais passaram-me à disponibilidade para ser preso logo a seguir pela PIDE quando me encontrava a bordo do barco para Lisboa.

Levaram-me para a sede da PIDE, na rua António Maria Cardoso e fui interrogado e torturado pelo inspetor Sachetti e os agentes Silva Carvalho e Abílio. Durante a noite os agentes impediam-me de dormir levantando-me e socando-me, abrindo e fechando gavetas com estrondo, etc. E o Sachetti chegava perfumado e com uma voz melíflua e cínica tentando atemorizar-nos, dizendo que já sabia tudo. O Silva Carvalho fazia de polícia "bom" e o Abílio de polícia "mau".

Depois de algum tempo nos "curros" do Aljube, fui enviado para Caxias onde estive alguns meses com vários presos.

Alguns, especialmente o Pitra, angolano, o Bexiga, operário da CUF e um jovem cabo-verdiano, de que não me recordo o nome, eram politizados. Os outros estavam presos por tentarem emigrar clandestinamente. Estavam ligados a um tal "Salada" que organizava o "salto". Em Caxias ainda me enfiaram na solitária alguns dias por protestar contra a situação que vivíamos lá dentro.

Depois de alguns meses preso em Caxias, libertaram-me sem haver processo. Meses depois era chamado outra vez para a tropa. Deveria dirigir-me ao Quartel de Évora para embarcar para a Guiné e participar na guerra colonial.

Nessa altura decidi desertar e por isso contactei os meus amigos, entre os quais o Hélder Costa que me ajudou na fuga para um exílio que durou 12 anos em França.

Depois de me ter formado em França e ser Professor na Escola Superior de Arquitetura em Rennes, regresso a Portugal após o 25 de Abril e a amnistia aos desertores da guerra colonial.

Jacinto Rodrigues

Professor Catedrático jubilado da Universidade do Porto

10 Abril 2019